

Dr. Gary Meadors, Conhecendo a Vontade de Deus, Sessão 3, Padrões de Discernimento da Igreja sobre a Vontade de Deus

© 2024 Gary Meadors e Ted Hildebrandt

Bem-vindos de volta a essas palestras sobre Teologia Bíblica para Conhecer a Vontade de Deus. Imagino que agora você esteja se perguntando por que tantos assuntos que parecem não estar primariamente relacionados a essa questão. Não vou responder sua pergunta muito rapidamente.

Bem, espero que vocês possam ver que estamos construindo uma fundação, uma fundação em termos dessa questão da mente transformada, de tomar decisões do ponto de vista da Bíblia e sua interação com nossa cultura e a pesquisa que está envolvida em tentar fazer isso. Agora, esta palestra é GM3, e é chamada de The Patterns of Church Discernment. O que estou fazendo aqui nesta apresentação em particular é alertá-los sobre algumas das maneiras pelas quais a igreja em seu local maior tem lidado com questões sobre conhecer a vontade de Deus.

Normalmente, as pessoas pensam em conhecer a vontade de Deus individualmente, mas isso é porque às vezes eu acho que nossa cultura é tão focada no individualismo que não percebe que é a igreja em seu sentido mais amplo que é realmente o que é crucial. E então, eu quero aproveitar este momento para falar sobre, na Aula 3, Padrões de Discernimento da Igreja sobre a Vontade de Deus, na qual eu darei a vocês algumas ideias e, claro, todas essas coisas que vocês podem acompanhar por si mesmos também. Então, vocês devem ter os slides do GM3 com vocês. Não há muitos slides, mas há um extenso pacote de notas.

Então, certifique-se de ter notas do GM3 também para que elas estejam lá enquanto discutimos isso. Como de costume, vou passar pelas notas. Não vou apenas lê-las para você, embora eu provavelmente devesse ler mais porque as frases são cuidadosamente elaboradas, mas, mesmo assim, vamos passar por isso.

Estou tentando fazer mais uma visão geral neste domínio em particular. Com licença. Tudo bem.

Então, na página um das notas se relaciona com essa questão, e se você apenas olhar lá, eu a apresento por muitos perguntando sobre qual é a vontade de Deus, e então você preenche a lacuna. E essa questão, como mencionei, geralmente está mais no domínio pessoal do que no domínio maior. E ainda assim, o domínio maior, de muitas maneiras, talvez seja mais importante.

Mas para nós individualmente, devo me casar? Devo ir para a faculdade? E para onde devo ir? Que carreira devo seguir? Devo considerar uma mudança de carreira? Em quem devo votar nesta eleição? Todos esses itens que estavam em gráficos anteriores aparecem novamente individualmente, mas a igreja tem que lidar com outras coisas em que as igrejas chegam a um acordo como uma congregação, como uma denominação, em relação ao gênero, em relação à sexualidade, em relação à guerra e tantos tópicos grandes dos quais cada um deles tem um enorme corpo de literatura debatendo a questão de como você entende essas categorias de guerra e gênero e todas as outras questões maiores de cultura, política, educação e assim por diante. Ao longo da história da igreja, discernir a vontade de Deus tem uma história tanto na aplicação apropriada da Bíblia quanto no julgamento consensual da igreja quando a Bíblia não fornece nenhuma instrução direta. Na América, temos uma longa história de individualismo.

Temos uma história tão longa de independência, e tendemos a forçar isso em categorias bíblicas. Não pensamos em igrejas tomando uma decisão. Pensamos em nós como uma igreja ou em nós como um indivíduo tomando uma decisão.

Mas não foi assim que aconteceu nos tempos bíblicos, nem é assim que aconteceu na maior parte da história da igreja. Então, vamos pular para isso e pensar sobre como a igreja tem categorizado e definido sua busca pela vontade de Deus. Tudo bem, categorias que a igreja tem examinado quando processa o discernimento.

Veremos uma variedade de coisas em nossos folhetos. As categorias que vou falar sobre o que a igreja examinou estão nas páginas de um a três. Como você pode ver, eu as anotei no slide.

As categorias são identificadas. Vamos falar sobre identificar categorias nas páginas um a três, e vamos falar sobre delinear categorias nas páginas três a cinco. Tudo bem, a identificação de categorias.

Como você pode esperar, o uso dominante na história da igreja é a Escritura. A Bíblia inteira é nossa categoria dominante para discernir a vontade de Deus no mundo, particularmente quando não temos um ensinamento direto sobre isso, mas estamos trabalhando com implicações e construções. E em consórcio com a Escritura e com as questões que são levantadas na igreja maior, a razão é um processo racional clássico.

Pesquisa nas Escrituras é o que reflete a razão. Temos bibliotecas enormes, enormes. Estudos bíblicos e teologia provavelmente compõem algumas das maiores bibliotecas do mundo.

Eu costumava ir a uma biblioteca em Chicago, que era um consórcio de cerca de seis escolas, e tinha cerca de um milhão de volumes sobre religião. Eu costumava fazer pesquisas em periódicos, e eram periódicos e livros. Um enorme corpo de literatura

no mundo ocidental foi gerado para responder às perguntas sobre o que a igreja pensa sobre isso. O que a igreja pensa sobre isso? Tradição, dos pais apostólicos ao desenvolvimento de denominações no mundo moderno, e não tão moderno de volta aos anos 1600, certamente pelo menos, temos vertentes da tradição de como a Bíblia era vista pelas igrejas sob o guarda-chuva da igreja, a igreja maior.

Não estou falando da Igreja Católica Romana aqui, mas estou falando do corpo de Cristo, onde quer que esteja. E então há a experiência. Todos nós acumulamos certas experiências no processo de vivermos nós mesmos como cristãos, e essas experiências se tornam dados para prosseguirmos na avaliação das questões que nos chegam.

Nós delineamos experiências por sistemas teológicos muitas vezes e por denominações, que são parte da grande tradição, e então você tem todas essas tradições menores. Então, uma variedade de grupos assumiu a liderança, refletida na igreja primitiva, e criou um processo que foi adotado por muitos. É interessante no mundo ocidental, o anglicano John Wesley.

Você pensa em Wesley do ponto de vista do Metodismo, as igrejas que surgiram dele, mas Wesley era um grande estudioso de Oxford, e ele desenvolveu o que ficou conhecido como o Quadrilátero Wesleyano. E quad, é claro, significa quatro, então esse era apenas um termo chique para o que acabamos de falar: escritura, razão, tradição e experiência. E isso se tornou uma grade importante da igreja para lidar com questões.

Por exemplo, se você trouxesse guerra para isso, e isso é algo com que a igreja inteira deveria se preocupar e se interessar, você vai para as escrituras, você vai para a razão entre as igrejas. A mesma coisa era verdade na igreja primitiva quando ela estudava Cristologia e Trindade e assim por diante. Você olha para a tradição, e você olha para a experiência.

Tudo isso é importante para tomar essas decisões. Sua teoria pegou três itens que já eram reconhecidos há muito tempo e trouxe um quarto item, que, claro, para ele, estava no lado da experiência. Agora, não vou representar o modelo da Igreja Católica Romana aqui.

Isso é uma grande parte do mundo ocidental, é claro, mas não está na minha alçada. Um autor chamado Richard Hayes escreveu um livro chamado *The Moral Vision of the New Testament*, uma introdução abrangente à ética do Novo Testamento. Agora, a tomada de decisão é parte do pensamento e da discussão ética.

As perguntas que frequentemente nos chegam são questões de ética, particularmente no cenário maior da igreja. E então pensamos um pouco sobre isso nas páginas dois e três. Por exemplo, Hayes expõe um pouco disso.

A Escritura é a norma normativa. Os acadêmicos tendem a usar termos latinos às vezes. Está nas suas notas na página dois, não no slide.

A Escritura é a norma normativa. Essa é sempre a fundação. Todo mundo afirma que essa é a fundação, e ainda assim temos uma variedade de opiniões.

Bem, falamos um pouco sobre isso, e falaremos mais. Em sua ilustração, os imperativos normativos de Deus, que são os comandos, ainda estão sujeitos à interpretação nas Escrituras. Veja o quadro posterior sobre modos, que abordaremos eventualmente.

Mas a norma normativa, e ainda assim nós a debatemos. Por exemplo, não matarás. O que isso significa? Isso é um texto de prova para o pacifismo, o que significa que os cristãos não podem ser combatentes e estar em guerra? Temos aqueles que têm uma objeção de consciência à guerra por motivos religiosos.

Isso foi honrado por muitos países. E então você pode ser um médico e não ser um combatente, o que não é um pequeno desafio, francamente, em termos de tempo de guerra. É tão importante porque você está cuidando daquelas tropas cuja consciência permite que façam isso.

E então há muitos. As tradições batistas, por exemplo, nunca realmente viram os não combatentes como uma categoria para eles. E isso foi explicado de muitas maneiras diferentes. Então, a Escritura é a norma normativa.

Sabemos disso bem. Tradição. E isso não é costume geral, mas se refere especificamente às práticas consagradas pelo tempo da igreja.

São práticas consagradas de adoração, serviço à igreja e à comunidade, e reflexão crítica. História é importante. E muitas vezes, certas denominações nos Estados Unidos não se importam muito com história.

Eu cresci como um não cristão. Eu me tornei um cristão enquanto estava na Marinha nos anos 60. E eu tenho sido associado principalmente com o que eles chamam de igrejas bíblicas e igrejas batistas.

E eu não acho que nenhuma dessas denominações seria capaz de explicar a você o calendário cristão além da Páscoa e do Natal. Eles não observam as tradições que a igreja primitiva e a igreja historicamente praticaram. E nós perdemos algumas coisas nesse sentido.

História, no entanto, é importante. Por exemplo, a teoria da guerra justa. Costumava ser que, na teoria da guerra justa, não era permitido ser preventivo em países cristãos.

A América não atacaria primeiro. Outros países não atacariam primeiro, mas se posicionariam para quando fossem atacados, e eles revidariam. No entanto, a teoria da guerra mudou durante a era do terrorismo.

Quando o terrorismo surgiu em nosso próprio solo, com as torres em Nova York e muitos outros lugares, toda a ideia de guerra justa foi repensada, particularmente na categoria de preempção. Qual é a vontade de Deus aqui? Bem, era nisso que a igreja estava pensando. O que refletiria melhor o que Deus permite ou não permite? E fica bem criativo em termos de pensar sobre essas categorias.

Seria muito fácil apenas sentar e adotar uma visão não combatente. Quanto mais você quer se envolver em guerra, mais você tem que inventar razões para essa abordagem em particular. Na ilustração da tradição, credos antigos, ortodoxia, dogma e figuras providencialmente importantes na história da igreja, incluindo professores importantes, Deus deu várias expressões da igreja sem violar Jesus.

Exortações de advertência a todos aqueles que abandonam o mandamento de Deus e mantêm a tradição humana. Bem, o ponto principal é que Jesus disse, então meus servos lutarão quando ele disse aos discípulos para deixarem isso de lado, que ele seria levado e seria crucificado. Quando Pedro puxou aquela espada e cortou a orelha, Jesus curou aquela pessoa ali mesmo, de acordo com o texto bíblico, e depois disse, então meus servos lutarão?

Muitos usaram isso para pacifismo em suas tradições, mas nem todos veem dessa forma. Então, temos a tradição como parte desse quadrilátero. O motivo é a definição.

A razão é um aspecto de ser criado à imagem de Deus, e ganhar um entendimento por meio da reflexão filosófica sistemática e investigação científica traz dados à mesa. Fazemos isso, e até mesmo internamente na Bíblia. Muitas vezes, a razão humana é lógica cultural. Temos que nos elevar acima disso com lógica bíblica, e esse é o desafio para nós, encontrar maneiras pelas quais a Bíblia interpreta e fala à cultura e às vezes fala contra a cultura. O cristianismo teve muitas experiências históricas em ambas as direções.

Hoje, a igreja tem menos poder na América do que nunca, e às vezes esquecemos de falar com a cultura. Bebemos profundamente do poço da nossa cultura atual, e falar contra a cultura em certas áreas é algo com que a igreja está começando a lidar agora. Experiência.

A experiência é parte disso, e é a quarta parte do quadrilátero, que é o que Wesley meio que adicionou e enfatizou, mas essa experiência se refere à experiência coletiva da comunidade de fé. Não está falando sobre individualismo. O individualismo não está aqui.

É a comunidade de fé se reunindo como no Novo Testamento no Concílio de Jerusalém, e coisas assim, onde a comunidade está falando, raciocinando e orando por sabedoria sobre como aplicar o ensinamento de Deus às suas circunstâncias atuais. Então, como diz a ilustração, experiências reveladoras reivindicadas privadamente não são normais e não são normativas para a igreja. A igreja não toma reivindicações privadas como autoridade.

A igreja busca consenso como autoridade. O testemunho dos apóstolos é normativo, mas isso é, claro, escritura. Figuras da história da igreja tiveram grandes influências normativas, mas nem sempre em concordância, como você bem sabe da história da igreja.

Pais apostólicos e pais pós-apostólicos, Lutero e Calvino falam sobre um aspecto da tradição. A experiência é a apropriação viva do texto, que se torna autoatestada à medida que é experimentada na fé. Em outras palavras, à medida que vivemos a Bíblia em nossa cultura, nos transformamos e aprendemos por meio dessa experiência exatamente o que podemos fazer em termos de lidar com nossa cultura atual.

Agora, vamos avançar um pouco mais a partir daí. Esse é o ponto dessa questão do quadrilátero. Página três, a relação correta das escrituras com cada uma dessas fontes de autoridade, essas quatro fontes, tem sido um problema perene para a teologia.

O desafio assumiu formas ligeiramente diferentes em diferentes eras históricas, mas a igreja deve sempre lutar para obter o equilíbrio entre esses quatro fatores. Então, o cristianismo não é eu, eu mesmo e eu. Esse é o individualismo americano rude. Ele infecta muito a igreja na América.

Individualismo, individualismo rude, é parte da cultura americana. Mas a igreja na América precisa de uma base mais ampla de sabedoria da totalidade das igrejas que estão realmente sob o guarda-chuva de Jesus e sendo a igreja. Muitos cristãos, grupos e denominações adotaram o quadrilátero como uma forma de processar questões, e nós podemos fazer o mesmo.

Podemos fazer isso individualmente, mas precisamos lembrar que é a igreja, no final das contas, que vai abordar as grandes questões da cultura. Hoje, algumas das grandes questões, é claro, são de gênero. Não o simples aspecto de gênero em termos do papel da mulher no ministério, mas estamos falando de gênero em

termos de transgênero, em termos de categorias sexuais que são muito debatidas e que infectaram, francamente, muitas denominações.

Então, no final do dia, na página três, terceiro parágrafo, mesmo depois de toda a análise que poderíamos fazer com essas categorias, acabamos com a diversidade que lê a mesma Bíblia, mas a lê de forma diferente. Temos pacifistas na tradição cristã. Temos o que chamamos de falcões na tradição cristã que acham que qualquer tipo de conflito, guerra e matança é aceitável.

Sempre que se trata de matar outro ser humano, os cristãos devem ter grandes patas, mas alguns não têm. Às vezes, eles têm a crueldade americana sobre isso. Precisamos ter cuidado com isso e não apenas presumir que é apropriado.

Discutiremos a questão da diversidade na interpretação bíblica ao longo de todas essas lições, mas esse é outro ponto. Certo, essas são as categorias identificadas. Vamos falar sobre as categorias delineadas na página três.

A Escritura sempre carregou a vitória final, desculpe-me, a autoridade final para a igreja desde que foi produzida, e essa sempre foi a fundação — Observe os quatro modos de Hays de como a Escritura fornece orientação aqui. Dizemos que a Bíblia é nosso guia.

Certo, bem, aqui está um modelo para pensar sobre como a Bíblia nos fornece informações. Bem, ela fornece informações na página três, perto do final, no sentido de regras. Ele chama esses modos de regras, princípios e paradigmas no mundo simbólico. Regras, comandos diretos, chamamos esses imperativos, positivos ou negativos, não faça isso ou faça aquilo.

Ilustrações de regras surgem muito na discussão sobre divórcio, e ainda assim há um texto na exceção, as chamadas cláusulas de exceção em Mateus, que são altamente debatidas. Se não tivéssemos esses textos, não haveria debate porque todo o resto está em acordo até chegarmos a essas causas. Como você vai lidar com elas? E essa é uma parte enorme que, mesmo no domínio das regras, é debatida.

Princípios são a estrutura geral de consideração moral pela qual decisões ou ações particulares são governadas. Amor é um princípio. É provavelmente o maior princípio, mas o problema é como você define amor. Você o define como o Dia dos Namorados, usar um coração no coração, dar rosas coloridas para mães em relação ao Dia das Mães ou cuidar de indivíduos que têm grandes necessidades? O que é amor? Falaremos sobre amor um pouco mais tarde, mas agora, amor é um comando, e é um comando que Jesus diz ser o maior mandamento.

Ame a Deus, ame seu próximo. Ele une esses dois de uma forma única. Mesmo na tradição do Antigo Testamento, eles eram tipicamente olhados individualmente, mas ele os une e nos ordena a fazer isso.

Bem, temos que perguntar, bem, como eu amo? O novo mandamento é amar o próximo, formar um modelo de amor. E então, dizer que você deve amar não diz nada. Você deve fazer a pergunta, o que é amor? O que significa amar? Agora, eu gostaria de falar muito sobre isso agora, mas tenho que me restringir porque chegaremos a isso mais tarde.

Amor, antes de tudo, você vai descobrir que é um termo de aliança. É um Deus amou tanto o mundo e Deus nos amou antes mesmo de nascermos. Amor é um termo que tem intrínseco a ele a decisão de se mover em direção às pessoas com seu maior bem em vista.

Agora, você tem que definir a palavra bom. O que significa ser bom? Então, você pode ver que podemos fazer afirmações simples, mas desempacotá-las traz muitas perguntas à mesa. Tudo bem.

Então, observe os paradigmas. Paradigmas são esse terceiro modo. Histórias ou relatos de personagens que modelam conduta exemplar ou negativa.

Penso muito sobre a conduta negativa de Ló e Abraão na narrativa de Gênesis. Quero dizer, Ló teve o privilégio de ser o único homem com quem Deus estava se comunicando em termos de coisas bíblicas naquela época. Havia outros; Melquisedeque entrou em cena, e até Balaão sabia que havia muitas perguntas sobre o mundo antigo e o quanto entra nas escrituras e o quanto não entra.

Mas o fato é que Ló seria considerado um descrente se apenas tomássemos as declarações do Antigo Testamento sobre Ló e o que ele fez em relação a Sodoma e Gomorra e sua família e suas filhas após a fuga de Sodoma quando Deus a destruiu. Mas Pedro se refere a Ló. Eu lhe darei algo sobre isso mais tarde.

Pedro se refere a Ló e fala sobre aquela pessoa justa. Ele usa a palavra justo cerca de quatro vezes em sua referência porque, francamente, somos bem lentos para acreditar que Ló era um homem justo. E o que Pedro quer dizer com Ló sendo justo é o fato de que ele estava certo com Deus.

Ele não agiu muito corretamente. Isso nos diz que a consciência e a alma de Ló estavam sob convicção porque ele estava violando os valores que Abraão lhe havia ensinado antes de se entregar à cidade de Sodoma e Gomorra. E ele estava sentado no portão, o que significa que ele era parte do poder político e do processo, o que o torna como um juiz sob controle da máfia.

Então aqui está Ló. Ele é um paradigma para o lado negativo da tomada de decisão e cumprimento da vontade de Deus. No lado positivo, encontramos outros personagens no Antigo Testamento que brilham em meio aos problemas.

Débora, por exemplo, não recebe tanto crédito quanto merece. Ana. Isso continua no Antigo Testamento com indivíduos que agradam a Deus e cumprem sua vontade naquele tempo e espaço.

Jesus usa o Bom Samaritano como resposta à pergunta, quem é meu próximo? Esse é um texto interessante porque os samaritanos não eram próximos pela definição judaica. Eles eram párias. E Jesus perguntou ao advogado judeu, quem provou ser meu próximo? Naquela passagem, ele trocou de sujeito e objeto.

E o advogado nem conseguiu dizer o samaritano. Ele disse que foi ele quem mostrou misericórdia. Porque dizer um samaritano entraria em conflito com seus próprios valores, valores negativos para com os samaritanos.

Então, há todos os tipos de paradigmas nas histórias das Escrituras que nos dão insights sobre como devemos ordenar nossas vidas e a ética que devemos ter, e o que isso significa sobre trazer essa ética para outras questões sobre a vontade de Deus — o mundo simbólico. Vou deixar você dar uma olhada no que Hayes escreveu sobre isso para esclarecer um pouco.

Mas itens que criam categorias perceptuais através das quais interpretamos a realidade. Eles representam a condição humana e retratam o caráter de Deus. O respeito pela vida humana, por exemplo, é uma dessas categorias.

Como por exemplo, com o aborto, não temos um contexto que diz, nunca faça um aborto. Mas temos o contexto que fala sobre o valor da vida humana e o respeito à vida humana. E então, por implicações, voltamos a essa questão desse ângulo.

Então, esses modos que ele nos dá nos dão muitas áreas para o pensamento criativo sobre como derivar ética e comportamento nas decisões que enfrentamos das próprias Escrituras, mesmo que elas nem sempre abordem diretamente essas questões. Então, essa é a questão das Escrituras. Vou deixar você ler o resto da página quatro.

Além disso, razão é outra categoria. Razão em nosso quadrilátero basicamente tem a ver com raciocínio teológico, raciocínio do significado bíblico do texto. É onde está focado.

O raciocínio é muito maior do que isso, mas trazemos a razão para o texto bíblico. O texto bíblico, no raciocínio, fala sobre raciocínio dedutivo e indutivo. O raciocínio dedutivo leva à certeza, e é uma afirmação.

Temos uma Bíblia dedutiva que Deus nos deu, que faz afirmações que não são negociáveis. Mas muitas vezes, nós estudamos a Bíblia indutivamente para tentar criar sistemas que abordem as questões com as quais lidamos na vida. Esses processos indutivos também fazem parte da categoria da própria razão.

Então temos a tradição. A tradição está muito ligada às tradições da nossa igreja, e elas podem ser muito fortes. Quase toda igreja, isso está na página cinco, no topo, toda igreja tem sua constituição.

E nessa constituição, você encontrará as tradições da igreja sobre certas questões. Quando eu era pastor, muitos anos atrás, os diáconos vieram até mim com a constituição da igreja deles, e disseram que gostariam que eu reescrevesse a seção sobre divórcio e novo casamento. Essa seção tinha sido escrita, não sei, 20 ou 30 anos antes disso.

A igreja tinha se movido e mudado parte de seu pensamento sobre algumas dessas categorias sobre absolutamente nenhum e absolutamente nenhum novo casamento, e eles queriam que eu reescrevesse. Eu disse a eles que os ajudaria a reescrever porque era responsabilidade deles e necessidade deles, realmente, pensar nas questões de divórcio e novo casamento porque essa era uma grande mudança tradicional. Isso é verdade na cultura americana.

Nos anos 20 e 30, o divórcio na igreja era extremamente baixo, e era mal visto de muitas maneiras, mesmo quando pessoas boas sofriam, infelizmente. Mas hoje, o divórcio dificilmente é uma questão, mesmo em nossa cultura cristã. Há peças muito interessantes, como aquelas na igreja de John Piper, onde John Piper tem uma visão muito rigorosa disso.

Toda a sua equipe tinha uma visão mais, digamos, liberal cristã sobre isso. E então, aqui temos uma pessoa importante, o pastor, que discorda até mesmo de sua equipe sobre uma questão importante. Então, a tradição pode ser algo que nos guia.

Às vezes, isso pode nos prender. Mas uma igreja saudável é capaz de dar uma olhada em suas tradições de tempos em tempos e dizer: isso é realmente bíblico ou refletimos um certo tempo e espaço em nossa compreensão da Bíblia? Não quero entrar em muitas ilustrações aqui, e falarei sobre algumas mais tarde, mas o divórcio e o novo casamento se tornam um grande domínio nesta categoria em particular. Experimente aqui novamente.

Essa é a experiência da igreja em geral, e às vezes aprendemos com nossos erros. Isso é parte da experiência, e isso se torna parte do quadrilátero. Wesley colocou muito mais significado nisso do que vou abordar aqui.

Certo, então escritura, razão, tradição e experiência. A igreja maior tem usado essas categorias para discernir a vontade de Deus e fazê-la funcionar. Há todos os tipos de publicações que se relacionam com como isso acontece.

Bem, isso não é tudo, no entanto — as questões de como as escrituras nos guiam. Acabamos de falar sobre Hades.

Não vamos repetir isso, mas quero falar com vocês sobre um modelo que chamei de modelo de níveis. Há três níveis nos quais a Bíblia nos ensina sobre o uso das escrituras em relação às perguntas que trazemos à Bíblia. Então, se você olhar no final da página cinco, quando usamos a Bíblia como uma fonte de conhecimento e fazemos afirmações sobre o que ela ensina, nós engajamos a disciplina do conhecimento, da epistemologia.

Como sabemos o que afirmamos saber, e por que nossa visão é mais válida do que outra? A igreja e os indivíduos têm discutido muito sobre esse domínio, ambos reivindicando a autoridade das escrituras. O fato de termos um texto inspirado e vários intérpretes não inspirados apresenta um problema. É um problema ; acho que podemos dizer sem hesitação que é parte do decreto de Deus.

É assim que é. Deus poderia ter planejado que a vida fosse diferente, mas não o fez. Ele nos deu essa tensão que a igreja e todas as suas partes têm que resolver.

Temos um texto inspirado, mas não concordamos como intérpretes piedosos igualmente qualificados para investigar o texto em todos os níveis de investigação acadêmica, e ainda assim discordamos. Agora, essa é uma parte fascinante da visão de mundo, e é uma realidade com a qual vivemos, e Deus não a explicou, mas ele a deu a nós apenas pelo fato de que ela existe em nosso mundo, e ele não falou contra ela. Ok, então alguns afirmam, observe que, deixe-me ler isso para não confundir-lo aqui, no final da página cinco, embora existam algumas crenças centrais que ligaram as religiões à Bíblia, nunca houve uma teologia totalmente unificada em muitos domínios.

Por quê? Se temos uma Bíblia e um Deus, por que esse tipo de unidade nunca existiu? Além disso, alguns afirmam que o espírito santo é o trunfo e nos diz o que as escrituras significam. Essa afirmação, vou afirmar, é estranha e até arrogante. Primeiro de tudo, falaremos em nossa palestra sobre o espírito santo muito sobre o relacionamento do espírito santo com as escrituras e com a interpretação, mas alguns usam o Espírito como um trunfo e dizem que estamos certos porque o Espírito me disse isso.

Deus me iluminou, e foi isso que ele me disse, e é assim que é, e não estou aberto a nenhuma outra conversa. Bem, me desculpe, mas isso é, isso é ultrapassar os limites do ministério do espírito, e terei que explicar isso mais tarde, mesmo que você vá

meio que recuar agora e dizer, uau, eu entendi a vida toda que o espírito me diz o que a Bíblia significa, e o espírito me convence sobre o que é certo e o que é errado, particularmente o que é verdade. Bem, as convicções têm que ser confirmadas por meio das escrituras.

As convicções têm que ser julgadas por meio de uma compreensão do que a Bíblia ensina. Essas alegações são alegações subjetivas, e vamos investigá-las mais tarde. Agora, continuando, nas páginas cinco a nove, vou abordar esses três níveis de como a Bíblia nos ensina.

Primeiro, na página seis, tenho um gráfico, e quero falar um pouco sobre onde a Bíblia está localizada e como a tradição cristã em teologia e o estudo da Bíblia abordam as coisas. No final da página seis, há um gráfico chamado Theological Encyclopedia. Este é o slide número quatro, e aquele slide, que você pode ver no gráfico, mas você o tem em suas anotações lá. Você notará que é uma espécie de pirâmide porque não sou realmente criativo com a forma como projeto essas coisas.

Meu gráfico impresso está invertido, mas temos que a base é sempre a fundação de qualquer tipo de gráfico. A base é a fundação, e temos a exegese. Poderíamos até ir além disso e dizer o estabelecimento do texto das escrituras, mas começamos aqui com a exegese, a competência para fazer julgamentos fundamentados sobre textos bíblicos.

Então, passamos para a teologia bíblica, que fornece um modelo estrutural e conceitual no qual a exegese opera. Falamos sobre a visão holística da Bíblia como ela é, não levando em conta suas categorias e impondo-as. A teologia histórica é o registro da reflexão da igreja sobre a Bíblia.

Acabamos de falar um pouco sobre isso. Teologia sistemática está em uma categoria maior do que normalmente é tratada. Teologia sistemática não é a mesma coisa que teologia dogmática.

A teologia dogmática afirma certas visões e usa textos de prova da Bíblia para argumentá-las. Teologia sistemática é tecnicamente uma igreja ou tradição que traz para o foco reflexivo seu próprio ensino com base em seu modelo conceitual derivado. Agora, essa é uma declaração bem elaborada para o fato de que a teologia sistemática está no topo da pirâmide.

É uma construção criativa, e vamos dar a vocês o gráfico sobre isso em um momento. Vocês podem voltar e pensar sobre isso. Há teologia filosófica.

A teologia sistemática e filosófica lida com muitas das implicações da Bíblia que não são declaradas diretamente e trazem a razão para suportar o que elas estão nos ensinando. Esta é a categoria primária onde você vai lidar com coisas que não são

abordadas pelo texto nas escrituras, mas estão implícitas ou são parte de nossas categorias maiores de compreensão da narrativa bíblica. A teologia apologética é onde defendemos nossa estrutura conceitual, e tudo isso alimenta a teologia do ministério.

Fazendo teologia no contexto do ministério. Sabe, isso é interessante em nossa cultura atual. Eu gostaria de dizer que a igreja, provavelmente em muitos cantos, tem um ministério menos educado do que nunca.

Muitas igrejas nem sequer falam com seus candidatos sobre qual é sua educação, como eles se saíram na escola e o que estudaram. O Master of Divinity, que era um programa clássico de três anos em línguas, teologia e exegese bíblica, costumava ser a norma. Na verdade, você não poderia ser um capelão nas forças armadas se não tivesse um Master of Divinity de três anos.

Mas a cultura rebaixou tudo isso, e quase chegou ao ponto em que às vezes as igrejas escolhem pastores com base em alguém de quem gostam ou gostam de ouvir e não investigam adequadamente a estrutura mental desse indivíduo e do treinamento e suas habilidades para poder usar a Bíblia, para poder entender a Bíblia, para poder ensinar a Bíblia. Mas isso é chamado de enciclopédia, e é uma espécie de unidade, embora consista em peças individuais. Eu penso nisso como uma fonte de água.

Você tem a piscina no fundo, e a água sobe e pinga de volta para baixo. Tudo isso se integra de alguma forma. Todos eles se relacionam entre si.

Eles dependem um do outro, embora existam diferentes disciplinas dentro desta enciclopédia. Agora, seguindo em frente, quero falar sobre esta questão dos três níveis de ensino bíblico na página sete de suas notas. Certo, há três níveis de como a Bíblia ensina.

Eu mencionei isso, mas este é o momento em que eu quero destrinchar um pouco mais. Nestes três níveis, eu estou afirmando, e isso não é só comigo. Eu realmente peguei esse modelo, a ideia do modelo, de um indivíduo que estava ensinando na Austrália, e um teólogo australiano veio até o indivíduo e disse ao modelo que você está ensinando, isso é ensinado diretamente pela Bíblia? Está implícito na Bíblia, ou é sua própria construção? E em uma conversa, uma conversa solta, isso me atingiu, e eu acompanhei isso por anos, e eu desenvolvi meu próprio modelo em relação a isso que a Bíblia nos ensina nesses três níveis.

Ela ensina diretamente. Essa é a intenção de ensino de uma passagem que podemos demonstrar por um método exegético sólido. E, de modo geral, a maioria dessas passagens diretas são concordância geral com a maioria das denominações.

Nem todos, porque às vezes você tem essa grande barreira entre o Calvinismo e o Arminianismo. Mas esse é o ensino direto. A intenção de ensino do texto.

Então, você se move para o nível implícito e o nível de construção criativa. Quando você vai de baixo, ensinando intenção, e você sobe, você tem análise teológica. Análise teológica é o que chamamos de taxonomia.

Não acho que tenha isso neste gráfico em particular. Tive alguns problemas para produzi-los a partir de outras notas ou copiá-los. Mas no meu ensino completo sobre isso, isso é o que chamamos de baixa taxonomia.

Em outras palavras, é bem óbvio que é direto. Mas quando você chega aqui em cima na pirâmide, você tem que reunir muitas linhas de raciocínio para fazer uma afirmação. É um nível mais alto de pensamento crítico, para colocar dessa forma.

É o que é conhecido como alta taxonomia ou baixa taxonomia. Por exemplo, se você fizer um exame, mesmo que as questões de múltipla escolha, quando corretamente escritas por especialistas, possam ser as mais desafiadoras de todas as questões e podem chegar ao que é um exame de maneiras que você nem sabe. Um bom exame dessa natureza, você sai, você vai dizer, bem, eu respondi, mas não tenho a mínima ideia de como me saí.

Na verdade, esse é um exame muito bom. E, muitas vezes, está nessa categoria. Mas em muitos lugares, as pessoas falam sobre múltiplas escolhas, múltiplas suposições.

Bem, isso significa que eles não foram bem projetados. E então pensamos em um teste de múltipla escolha como uma espécie de categoria baixa quando realmente não é, mas nós o usamos dessa forma. Pensamos em um exame de redação como uma categoria mais alta, onde você tem que ser capaz de escrever e colocar as coisas em uma declaração compreensível e defendê-la.

Bons exames fazem você fazer isso. Eles são mais fáceis de fazer e mais difíceis de classificar. Sei disso por muita experiência.

Lá no final do DIRECT, essa intenção de ensino, o que podemos demonstrar que o texto declara, então as implicações. Implicações, e eu não vou ler todo esse folheto para você. Eu explico isso em mais detalhes nas páginas seguintes.

Até mesmo o ensinamento da Trindade, a Trindade de Deus, está na área implícita. Não temos um texto de prova simples sobre a Trindade. Mas temos muitas implicações do texto.

O batismo, Jesus está lá, o Espírito está lá, e Deus Pai fala do céu. A fórmula batismal, o nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Há todos os tipos de implicações

bíblicas da Trindade, mas a Trindade como doutrina não foi elaborada por um tempo.

A igreja viu, entendeu, afirmou, mas levou muito, muito tempo até que a igreja como A igreja, a igreja coletivamente, fosse capaz de se reunir após a perseguição e declarar o que entendiam sobre Jesus, declarar o que entendiam sobre a Trindade. Grandes conferências, o Concílio de Nicéia, o Concílio de Calcedônia e vários outros foram martelados nessas coisas. Os volumes da história da igreja de Schaff, de Schaff, são bem antigos agora, mas ainda são muito bons porque trabalham você por todos aqueles primeiros séculos, particularmente os primeiros cinco séculos da igreja, e como a igreja continuou a definir o que já acreditava, mas não tinha sido capaz por causa da perseguição até o início dos anos 300 depois de Constantino.

Eles conseguiram se reunir como uma igreja e armar essas coisas, e é fascinante ler a história da igreja a esse respeito. Então, e eu como indivíduo? E eu falo um pouco mais sobre isso na página 989, mas não vou ler para você. Sempre que você estiver lidando com um versículo da Bíblia que você vai usar para provar algo, e espero que você não faça isso. Espero que você tenha um contexto, e você tenha algo que seja legítimo para esse contexto, você tem que se perguntar, quando você está usando a Bíblia para dizer que esta é a vontade de Deus, você tem que responder à pergunta, a passagem da Bíblia que estou usando é um ensino direto sobre o que estou dizendo, ou estou obtendo implicações sobre o que estou dizendo, ou estou pegando as palavras da Escritura e chegando a uma categoria maior chamada construção criativa sobre o que estou dizendo? Há muitas coisas que são importantes no nível implicacional.

Nós falamos sobre a Trindade. A Trindade é um ensinamento implicacional. Tenho uma citação de Alistair McGrath que você pode ler nas notas lá depois.

No entanto, construções criativas, por exemplo, toda essa categoria de escatologia e milenarismo, e pior ainda, as questões do arrebatamento, quantas existem, visões, isto é. E temos livros que olham para essas coisas. Essas são todas construções criativas.

Eles estão tentando dar sentido a essas categorias de escatologia a partir do testemunho da Bíblia. Mas você encontra uma grande variedade de pessoas que pegam o mesmo texto e fazem um sentido diferente dele. Isso está na taxonomia superior, na categoria superior de pensamento crítico, tentando unir toda a narrativa.

Ela funciona do Antigo Testamento até o Novo Testamento. Essas visões milenares sobre o futuro dependem do que foi previsto por alguns que pensam do passado até o Antigo Testamento, até o novo e daí em diante. Livros enormes foram escritos

sobre o que chamamos de construções criativas. Mas você não tem um texto de prova simples.

Não há texto de prova sobre o arrebatamento na Bíblia. Agora você tem alguns que vai citar. Mas se você olhar para isso de uma forma mais ampla através das tradições exegéticas, você não encontrará o que está afirmando.

Você encontra o que está afirmando na construção criativa sobre escatologia. Agora, eu sei que já disse muito ali, e levaria várias lições para desempacotar essa ideia. Mas eu só quero que você entenda essa ideia por enquanto.

Quando você está lidando com texto na Bíblia e aplicando esses textos ao que você está alegando ser uma responsabilidade em ética ou responsabilidade na tomada de decisão, você tem que se perguntar: estou usando o ensino direto da Bíblia? Ou estou na área implicacional da Bíblia? Ou eu escorreguei até mesmo em algo mais difícil de provar nas construções criativas que vêm da Bíblia? Não há nada de errado com construções criativas. Todos nós vivemos por elas. Mas temos que ter linhas de raciocínio.

Linhas de razão. Os constructos criativos não estão aqui por si mesmos, mas eles reivindicam ensino direto. Eles reivindicam ensino implícito.

No entanto, as construções serão diferentes nessas alegações. Você já experimentou isso até mesmo nos níveis mais baixos da igreja às vezes. Mas temos que ter consciência desse paradigma.

A Bíblia nos ensina isso diretamente, implicitamente, ou é uma construção criativa? E como as construções criativas se conectam aqui? Muitas, muitas vezes, essas conexões exigem uma certa perspectiva sobre o texto bíblico para fazer isso. Deixe-me mencionar uma ilustração interessante disso, talvez. I. Howard Marshall foi um importante estudioso bíblico na Inglaterra.

Ele foi o sucessor e o presidente de uma grande universidade do protegido de FF Bruce. Ele se tornou a pessoa que sucedeu Bruce. E Bruce foi um estudioso bíblico monstro naquele período em particular.

Treinou muitos, muitos estudantes de doutorado. A dissertação que Marshall escreveu foi chamada *Kept by the Power*. E se tornou um livro que você provavelmente pode encontrar em livros usados, talvez nem por muito dinheiro.

Mantido pelo Poder. Agora, eu. Howard Marshall é Wesley. Ele também estava argumentando a favor do que é conhecido como perseverança condicional, em oposição à doutrina calvinista de perseverança total.

Se uma pessoa é verdadeiramente salva, ela persevera até o fim. E há muitas coisas para falar sobre isso. Mas ele estava argumentando a favor da perseverança condicional.

Ele olhou para todas as passagens que eram usadas naquela tradição. As passagens de advertência dos Hebreus, por exemplo. E outros textos que eles usaram para isso.

Mas como ele, como um estudioso bíblico muito sólido, trabalhou através desses textos, ele nem sempre chegou ao ponto onde ele poderia dizer que isso prova perseverança condicional. Na verdade, em seu título, *Kept by the Power*, quando você lê o livro e chega ao fim, você percebe que ele basicamente diz que nós olhamos para o que acreditamos ser evidência bíblica para nossa visão. Mas no final do dia, minha maior afirmação é que podemos confiar no fato de que somos mantidos pelo poder de Deus.

E eu achei isso muito interessante quando finalmente cheguei a esse ponto em seu argumento. Que ele reivindicou esses textos, e ainda assim, no final do dia, ele voltou ao ponto de que somos mantidos pelo poder de Deus. Então sua construção criativa, em sua própria mente, eu acho, como um exegeta, lidar com o texto tinha alguma tensão.

E no final do dia, ele manteve a denominação de tradição. Mas, ao mesmo tempo, ele disse, no final do dia, somos mantidos pelo poder de Deus. E eu realmente não posso dizer nada além disso.

É uma ilustração muito interessante de uma construção criativa e de um grande estudioso que todos nós respeitamos e como ele lidou com isso. Então, eu sei que joguei muita coisa em você aqui com isso. Mas eu definitivamente quero que você pense nessa construção criativa de três maneiras nas quais a Bíblia nos ensina.

E estou atrasado de novo. Ideias adicionais para considerar. Análise prescritiva e descritiva no livro de Atos.

Agora, em relação a isso, eu não posso; eu simplesmente não posso expandir meu tempo muito aqui nessas ideias adicionais para considerar. Isso está nas páginas seis a oito também. Lá no final da página nove, na verdade.

Se você olhar lá por um momento, no final da página nove, eu levanto isso, e não expandi isso lá. Mas toda vez que você lê um texto bíblico, você tem que fazer essa pergunta. Esse texto é prescritivo? Prescritivo significa que ele me ordenou a fazer isso.

Ou é descritivo? Está me contando sobre isso. Por exemplo, quando você lida com o livro de Atos, ir de casa em casa significa que somos prescritos a fazer visita na

casa de nossa igreja por casa? Eu estive em igrejas que praticamente afirmam isso como um texto de prova, que temos que ir de casa em casa e alcançar as pessoas. Caso contrário, não estamos obedecendo à Bíblia.

Ou Atos está apenas descrevendo o que eles fizeram? O que quer que você esteja fazendo com textos bíblicos, você tem esses dois aspectos. Eles estão prescrevendo comportamento? Eles estão descrevendo comportamento? Muitas vezes, a Bíblia não prescreve comportamento. As leis alimentares do Antigo Testamento eram prescritivas naquele tempo e lugar.

Mas quando chegamos ao Novo Testamento, eles se tornam descritivos de uma parte da história de Israel. Mas eles não são mais prescritivos, mas agora estamos tratando-os no domínio descritivo. Agora, então não é uma coisa simples lidar com o que é prescritivo e o que é descritivo.

Mas prescritivo é algo que é sempre, sempre normativo. Nunca há uma exceção a ele. Enquanto descritivo é Deus descrevendo para nós o que aconteceu na história redentora.

Por exemplo, Gordon Fee faz questão em seu livro sobre hermenêutica de que o livro de Atos é descritivo, não prescritivo. Muitas pessoas tomam o livro de Atos como um mandato de como devemos fazer as coisas. Mas não era isso que o livro de Atos pretendia fazer.

Os livros de Atos tinham a intenção de descrever a história e o que estava acontecendo naquele tempo e lugar. Chegamos ao livro de Atos e podemos aprender sobre suas implicações. Podemos raciocinar a partir do livro de Atos para certos padrões comportamentais.

Mas o livro de Atos não é um imperativo. O livro de Atos é uma descrição da igreja cumprindo a vontade de Deus naquele tempo e lugar. E nós temos que cumprir a vontade de Deus também.

Provavelmente os princípios que eles estavam cumprindo, como evangelismo e missão, como os chamamos. Mas o fato é que não temos que fazer da mesma forma porque está descrevendo isso para nós. Agora, essa é uma parte bem grande que acabei de colocar em você.

Eu sei, mas você está perplexo sobre lutar melhor, como uma pessoa disse uma vez. O que é ensino normativo na Bíblia? Bem, ensino normativo é o que podemos demonstrar que é prescritivo onde quer que o encontremos por enquanto. Então, estudaremos muitos textos que são descritivos, não prescritivos.

Mas teremos textos que são prescritivos. E teremos que lidar com isso quando chegarmos a eles em certos contextos. A intenção de ensino e a análise teológica terão que definir o que é prescritivo.

Por exemplo, mesmo em algo como as qualificações para um pastor em Efésios, estou no meu limite de tempo. Essas qualificações são prescritivas ou descritivas? Se forem prescritivas, isso significa que uma pessoa solteira não pode ser pastor. Se forem descritivas, isso significa que uma pessoa casada que não tem filhos não pode ser pastor.

Você já pensou sobre isso? Mas se forem descritivas, isso significa que se você é chamado para ser pastor e a igreja é quem diz que você é chamado, não você, a igreja decide se você é ou não, leia Timóteo cuidadosamente, e você não é casado, então não há críticas que possam ser feitas contra você sobre sua vida de casado. Portanto, você passa nesse teste específico em termos de crítica. É assim que geralmente é descrito.

Se for prescritivo, muitas igrejas vão ter que repensar a maneira como pensam sobre pastores por causa do casamento, do casamento e dos filhos. Eu realmente acho que é, que deveria ser normativo, mas não é. Eu meio que acho isso porque se você não tem filhos, você não sabe como lidar muito bem com as pessoas, francamente.

Você pode aprender, mas quando você tem que lidar com crianças e suas vontades e seus filhos são diferentes, você está em um cadinho em sua família que vai transferir para suas habilidades no cadinho da família da igreja onde você tem membros da igreja de força de vontade, e talvez você tenha membros da igreja que precisam de um testamento e você lida com isso na família, você lida com isso na igreja. Então eu acho que há sabedoria nessas coisas, mas as igrejas têm que fazer a pergunta, elas são prescritivas ou descritivas? E você pode encontrar em estudos exegéticos muitas respostas para isso. As propostas do Além da Bíblia.

Eu escrevi um livro sobre isso, vou mencionar para você lá. Há o Ethic Text. Aqui estão alguns que eu recomendo fortemente: Cosgrove, Hays e Hollinger, para ajudar você a trabalhar questões de normatividade, mas não posso mais falar com você sobre isso.

Estou apenas cedendo, por favor, o território para você como uma pessoa que continua a ser uma aprendiz ao longo da vida. Tudo bem. O problema está nos textos de prova, e não no contexto.

Desculpe, mas vou passar do tempo. Estou fora dos limites no que quero fazer, mas esta é a palestra mais fora dos limites. Você sempre pode ir e vir.

Você tem a liberdade de gastar o tempo que quiser em qualquer uma dessas lições e, portanto, estou tornando um pouco mais longo para fazê-lo. O problema do texto de prova em vez do contexto. Alguém disse muitas vezes que o texto de prova é um pretexto.

Precisamos de contexto. Por exemplo, lembro-me muito bem de como alguém pegaria a Primeira Carta aos Tessalonicenses, que diz para evitar todas as aparências do mal. Isso está na versão King James.

Evite todas as aparências do mal. E eles diriam, você não pode ir ao cinema porque há uma aparência do mal lá. Você não pode ir a um restaurante que serve bebidas alcoólicas porque há uma aparência do mal.

Não sei quantas vezes as pessoas foram manipuladas com esse versículo. E então uma nova tradução sai e diz, evite todo tipo de mal. Uau.

Percebe o valor de olhar para as versões? Todo tipo de mal é extremamente diferente da culpa por associação, que é a aparência do mal presente para nós. Então o problema do texto de prova em vez do contexto. Se tivéssemos o contexto correto em Tessalonicenses, não teríamos o problema de pessoas nos manipulando com essa frase de aparência do mal.

Mas diríamos, olha, não é sobre a aparência. É sobre o tipo de mal. E essa é uma outra discussão.

Temos que ler a Bíblia em seus próprios termos e em seu próprio contexto. Não lemos para dentro da Bíblia. Lemos da Bíblia.

Agora, o dilema de conhecer a vontade de Deus. A Bíblia não fornece uma resposta direta para muitas das nossas perguntas. Então, precisamos de modelos.

Nós falamos muito sobre modelos para pensar biblicamente. A mente transformada é o modelo central. Mas eu queria falar hoje um pouco sobre como a igreja processou questões sobre as quais não falamos especificamente, como poderíamos, talvez devêssemos.

Mas em nossa visão aqui, nós simplesmente não temos essa oportunidade. Mas você pode ir e procurar as questões da guerra, as questões dos não combatentes, por exemplo, questões de gênero, e ver como a igreja, em um sentido amplo, argumenta suas visões sobre esses assuntos. Então, precisamos de modelos para pensar biblicamente sobre as questões da vida que enfrentamos.

Refletindo sobre a realidade de como a igreja se desenvolveu, a era apostólica é o registro do Novo Testamento. E esse é um registro revelado não negociável. E ainda

assim, nós ainda o negociamos na igreja em termos de entender seu significado em muitas ocasiões.

Mas a maior parte disso é bem clara. Na era pós-apostólica, houve concílios. Mas havia muita diversidade.

Algumas pessoas falam sobre a maioria e a minoria nos concílios da igreja e como às vezes a minoria, eles acham, saiu na frente. Bem, você terá que ler isso. Mas os concílios de Calcedônia, Nicéia I, Calcedônia, houve Constantinopla.

Há vários concílios e muita literatura aqui para ver como a igreja negociou as questões de conhecer a mente de Deus em relação a certas questões. O reconhecimento da soberania e da vontade moral é necessário — diversidade massiva.

Deus programou a diversidade na realidade criativa que vivenciamos. Se nos opomos à diversidade, estamos nos opondo a Deus. Deus espera que negociemos isso, lidemos com isso e o busquemos e sua palavra mesmo na diversidade, porque ele não nos deu um comentário inspirado sobre muitas questões.

Desafios contínuos. A história da igreja é dominada pela diversidade. Por que um Deus onisciente projetaria e permitiria isso? Se você não sentiu essa tensão, você não estava pensando.

Temos muitas pessoas piedosas com visões diferentes. Isso é diversidade. E Deus não previu.

Eu não deveria dizer previsto. Eu poderia dizer que é porque prever é uma escolha. Deus não escolheu.

Deus não escolheu nos dar um caminho diferente. Ele nos deu esse caminho de encontrar unidade em meio à diversidade. Agora, isso nos leva ao fim dessa questão da igreja e como refletimos sobre ela em termos da igreja maior em nosso próprio ambiente.

Palestra GM3 em slides. Agora, sei que joguei muitas coisas para vocês, e não consegui desempacotá-las muito bem. Mas só tenho tempo para esse tipo de série, e já estou esticando isso e tentando manter a paciência do Dr. Hildebrandt em relação às minhas palestras.

Mas eu pensei que isso fosse uma parte importante. É um pequeno aparte, mas é uma coisa importante para você perceber que conhecer a vontade de Deus não é só eu, eu mesmo e eu. Conhecer a vontade de Deus no nível real é a igreja, a igreja como um todo, a igreja como uma unidade no meio de sua diversidade. Essa é uma

categoria de conhecer a vontade de Deus que é provavelmente mais importante, mas tão importante quanto, mas mais importante do que o que eu deveria fazer.

Somos tão egocêntricos em nossa busca por essa questão de conhecer a vontade de Deus que criamos novos modelos de fazê-lo para que possamos obter nossa resposta e nos sentir bem com isso. Mas estou lhe dizendo, não é tão simples assim. Não é pragmático.

É um processo da mente transformada sendo aplicada às perguntas que você tem, às perguntas que nossa igreja total tem, e chegando a respostas que podem servir à igreja e aos indivíduos de boas maneiras. Obrigado por sua paciência, de verdade. Quando entrarmos nas próximas seções, entraremos em questões bíblicas específicas sobre as quais falamos em momentos diferentes.

Vamos olhar para o Antigo Testamento. Vamos olhar para o Novo Testamento em relação ao que ele diz sobre isso especificamente. Então, estamos construindo algumas fundações, e voltaremos agora para a Bíblia.

Eu costumava começar com a Bíblia, mas havia muitas coisas que eu tinha a dizer para conseguir falar sobre a Bíblia. Agora, quando falamos sobre a Bíblia, temos tudo isso como nossa base para conseguir conectar nosso texto e as questões que encontramos nesses modelos de conhecimento e nos modelos da mente transformada. Então, obrigado novamente por sua paciência, e nos vemos na próxima palestra sobre GM4.

Obrigado.